

PLANO - PILOTO

para uma

NOVA ESCOLA DE MÚSICA

COMISSÃO NACIONAL DE MÚSICA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (IBECC)
SUBCOMISSÃO PARA O ENSINO DA MÚSICA, FORMADA PELOS SEGUINTE MEMBROS:

PROFESSÔRES: ANTÔNIO SÁ PEREIRA (AUTOR DO PRESENTE PLANO), NAYDE SÁ PEREIRA, ALOISIO DE ALENCAR PINTO E EURICO NOGUEIRA FRANÇA.

P R E Â M B U L O

O "Plano-Pilôto para uma Nova Escola de Música" é uma criação inédita; pela concepção filosófica que o dirige e pela viabilidade fácil que apresenta.

Uma Escola desse tipo poderá ser administrada pelo Governo, como Renovada Escola de Música, sem embargo de esse Planejamento se adaptar também a qualquer Universidade ou Conservatório de Música.

Impõe-se naturalmente uma Legislação também nova, no tocante ao ensino da Música, ajustável ao das Artes Plásticas e ao das Artes Cênicas, e que, partindo da Escola Pré-primária atingirá as cumeadas da Universidade.

Desde que o legislador, entretanto, "acredite sinceramente na dignidade da música, como coisa a ser ensinada na escola como valor espiritual e socializante".

de uma "Carta ao Professorado Primário", Antonio Sá Pereira, 1955. (Integrando a série de Cartas, programada pela Associação Brasileira de Educação).

Plano Pilôto

Preâmbulo

Como resumo, citaremos abaixo os Tópicos mais interessantes deste Plano:

1. - Ambiente renovador
2. - Educação pela música, e para a música
3. - Iniciação Musical, matéria básica
4. - Prática de Música, nova disciplina, e cujo título explica perfeitamente sua finalidade principal: menos Teoria, e mais Prática
5. - A cultura geral do músico, problema difícil, e agora resolvido com a criação de um curso secundário inteiramente novo, a saber:
6. - O "Colegial Artístico", equivalente ao "Clássico" e ao "Científico"
7. - Matérias Culturais, incluídas, em grande número no Programa da Nova Escola de Música
8. - Completação Técnico-musical,
Esta matéria abrange técnicas e processos de ensino que visam a um melhor Desenvolvimento da Percepção Musical
9. - Aprendizagem ativa, em vez da habitual Didática, ainda excessivamente passiva e livresca
10. - O músico em nível universitário
11. - Ensino instrumental em grupos
12. - Seminário de alunos (Debates - Pesquisas - Fichário intelectual, organizado pelo próprio aluno)
13. - Cursos de Atualização (para integração dos professores no ambiente renovado)
14. - Conclusão do Curso Universitário de Música
O 4º ano do curso é dividido em vários setores, todos eles dedicados ao aperfeiçoamento. A saber:
 - 1º - Magistério
 - 2º - Virtuosidade
 - 3º - Composição
 - 4º - Musicologia
 - 5º - Música Sacra

15. - Diplomas conferidos pela

Nova Escola de Música:

a) Licença Artística

(concluído o Colegial Artístico)

b) Bacharel em Música

(concluído o 3º ano do Curso Universitário)

c) Licenciado em Música

(concluído o 4º ano do referido Curso)

16. Universidade das Artes

Proceder-se-á, possivelmente, à incorporação das 3 Escolas de: Música, Belas Artes e Teatro, em uma só, criando dessa forma o núcleo de uma futura Universidade das Artes.

17. Intercâmbio com centros culturais, nacionais e estrangeiros

18. Departamento de Informação Ocupacional e Colocação do Músico Profissional.

19. Ortofonia

20. Colégio de Aplicação, incluindo

Maternal

Jardim de Infância

Escola Primária

Ginásio

Colegial Artístico e, junto,

Curso Geral de Música

21. Canto Escolar, em vez de Canto Orfeônico.

V. OBSERVAÇÃO, pg. 38

* * * *

E X P L I C A Ç Ã O

de certos Tópicos acima relacionados

1. - Ambiente renovador

A Escola de Música que estamos idealizando será inteiramente nova, livre de mazelas burocráticas e processos de ensino superados. Estamos visando a formação de um ambiente musical íntegro, dedicado essencialmente à educação para a música, e pela música.

Será fonte de alegria e de encantamento, mas não será fonte de renda, nem tampouco de rivalidades e ambições mesquinhas.

Ficamos sabendo, recentemente, que certos autores norte-americanos acreditam que a criança que, desde o berço, tem oportunidade de ouvir música prazenteiramente, ao crescer não será, jamais, um delinqüente.

Da música desprendem-se poderes misteriosos, não tenham dúvida. Encontram-se, naturalmente, transgressores entre os profissionais desta arte, como em qualquer outra carreira. Mas, ao examinar-se sua vida pregressa, poderá verificar-se, provavelmente, que ele aprendeu música, quando já era adolescente ou adulto.

Não é a êsse tipo de músico a que nos referimos. Mas, sim, àquele que, na sua primeira infância, sentia profundamente a impressão fascinante que a música lhe deixava, quando sua maezinha cantava lindas cantigas de ninar.

São impressões indeléveis essas, e que o tornarão imune ao crime, ou mesmo ao ato apenas feio e repreensível.

Seja permitido citar êste trecho de uma conferência que proferiu Mr. Charles Perlee, numa Convenção da "Associação dos Professores de Música da Califórnia": "A música é um assunto que interessa a toda a gente; a criança que estuda música seriamente, nunca entra em conflito com a polícia ou com a escola. Alunos de música jamais se tornam delinqüentes, de vez que toda sua energia é captada pela música". Music Journal, Dezembro de 1954.

2. - Educação pela música

É um grande tesouro, êsse que estamos agora descobrindo: a educação pela música. E o processo mais indicado para êsse fim consiste apenas em fazer a criança cantar. É na escola primária e, antes disso ainda, no jardim de infância e na escola maternal, que ela aprende a cantar em conjunto bonitas canções infantis. No seu apartamento, infelizmente, não ha espaço para brincar e cantar cantigas de roda. A não ser no Carnaval, nossa gente não tem o hábito de cantar em conjunto.

Villa-Lobos lutou heróicamente neste sentido, mas aquêles sonho, ainda em vida, já estava sendo deformado. Fizeram do canto uma disciplina a mais, e que o aluno tem que aprender, geralmente sem nenhum interesse. Canções cívicas e patrióticas, em primeiro lugar; além disso, coisas a decorar, muita biografia, e sobretudo muita Teoria Musical. Cantar mesmo, ele quase não canta.

Na escola primária, e na secundária também, não deveria haver provas e exames de música, nem tampouco nota a ser computada.

Cantar por obrigação é coisa detestável. É o contrário exatamente do que os educadores modernos estão procurando realizar: a educação pela música.

Numa Escola de Música, como a que estamos planejando, é a Iniciação Musical o veículo mais indicado para fazer a criança gostar de música e, ao mesmo tempo, através da música, educar-se. O canto em conjunto é um fator altamente socializante e, pois, educador.

Mesmo se ficar provado que, depois de um, de dois, de três anos, o aluno "não tem jeito" para a música, e não deve prosseguir no estudo, ainda assim, o simples fato de ter cantado em conjunto é um desses "imponderáveis", desses valores de ordem moral que os pais, infelizmente, não querem compreender.

3. - Iniciação Musical

Para que serve esta inovação? Em primeiro lugar, para alegrar a vida da criança. Ouvindo e cantando bonitas canções infantis, ela vai desenvolvendo o gosto pela música. Não é bom sinal, se não gosta de cantar. Convém observar e descobrir, durante a infância, porque ela não se interessa pela música. Na maioria dos casos, é falta de solicitação e de ambiente e, em consequência, escassa emotividade, diminuta irradiação de alegria.

Conhecemos adultos que vivem muito bem sem música. No entanto, quando entramos em contato com alguns desses indivíduos visceralmente anti-musicais, sempre temos a impressão de lidar com um surdo-mudo, um ser incompleto.

"É que, na verdade, eles não sabem que a música é uma das con-solações da vida, um benefício que desconhecem aqueles que, em criança, não aprenderam a amar as coisas simples, as coisas belas e nobres, como são: a verdade, a beleza, a justiça, a natureza, o amor, e o amor ao próximo. E, entre essas coisas simples e belas, também está a música. Mas só é capaz de ouvir e cantar quem, desde o berço, recebeu um "banho de música" e foi batizado, no sentido musical, capaz de, pela vida a fora, cantar com alegria: Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar" - (de uma "Carta ao Professorado Primario", de Antonio Sã Pereira, integrando uma série de "Cartas", programada pela Associação Brasileira de Educação, e lida ao microfone pelo locutor da "Rádio Ministério da Educação e Cultura, em maio de 1955).

Serve, pois, a Iniciação Musical, e em primeiro lugar, para alegrar a vida da criança. Seria ótimo, se todas as crianças recebessem um "banho de música", na escola primária e na pré-primária, como realmente acontece nos Estados Unidos, e em muitos países da Europa.

Seria excelente se, também entre nós, na escola primária, tô-das as crianças fossem "musicalizadas" num curso de Iniciação Musical. Seria ideal. Vamos esperar que algum dia essa ideia seja posta em execução.

Essa "musicalização" da criança constitui, aliás, apenas o 1º ano de Iniciação Musical, e que muitos confundem com Recreação. Esta é apenas a parte musical do Jardim de Infância: muita brincadeira, a dançar, a cantar, a tomar parte em Bandinhas, "por audição", e realizar pequenas cenas dramatizadas. Tudo isso é excelente, é imprescindível, é vital mesmo; mas não é Iniciação Musical. Basta lembrar que o 1º ano do curso não é apenas brincadeira; já é aprendizagem, embora intuitiva ainda.

A Iniciação Musical, e a Recreação que lhe precede, tem na Escola Maternal o verdadeiro início da musicalização da criança. Essas 3 fases da infância são decisivas no seu "crescimento" musical.

Os pais, e os professores tampouco, não perceberam ainda que, desde cedo, a criança começa a sentir a diferença entre o belo e o feio, entre a coisa bonita e a coisa mal feita, entre a coisa justa e a que não é justa.

A escola, infelizmente, não cuida desses assuntos que são, en-tretanto, vitais.

Com facilidade poderia desenvolver-se na infância o gosto pela música, para que não seja corrompido ou atrofiado.

Entretanto, pela simples leitura do Programa, logo se percebe que, numa Escola de Música, a partir do 2º ano, o curso de Iniciação

Musical tem caráter marcadamente vocacional. Só deveriam pois ingressar aí aqueles que tenham manifesta aptidão musical.

É evidente que toda criança normal tem habilidade, ou "jeito" para alguma coisa útil e interessante. Compete aos pais e aos educadores descobrir essa aptidão, por vezes ainda adormecida.

Agora, conduzir alguém ao estudo de música, quando nos testes iniciais, e na fase probatória de um ano, ficou evidente não possuir um mínimo de sensibilidade musical indispensável, seria isso verdadeira maldade. Seria preparar-lhe uma vida sem alegria, um desencantamento, que é a vocação frustrada. Aos pais cabe enorme responsabilidade neste sentido.

Em resumo, vamos marcar os traços mais característicos da Iniciação Musical.

Consiste em:

- a) despertar na criança o amor à música, fazendo-a cantar com alegria;
- b) educar o ouvido e o senso rítmico, isto é, musicalizar a criança, por processos ativo-intuitivos, e não teóricos;
- c) retardar intencionalmente o ensino dos símbolos gráficos (notas, figuras, etc.) até o momento oportuno;
- d) ensinar, no 2º ano do curso, a leitura e a grafia, e isto pelo processo da leitura simultânea das duas claves e treinar a leitura rápida;
- e) treinar a localização de notas, na pauta e no teclado;
- f) estimular a capacidade inventiva da criança;
- g) explorar o recurso didático da Bandinha (por imitação, no 1º ano; e depois, mediante leitura);
- h) aproveitar o recurso didático da Dramatização musical;
- i) desenvolver a "Apreciação Musical" e formar no aluno o hábito de escutar atentamente;
- j) treinar, nos 3 anos do curso, a audição musical (intervalo e ritmo);
- k) cultivar, durante os 3 anos do curso, o "Côro infantil, como o Conjunto rítmico (Bandinha).

4. - Prática de música

Esta nova disciplina é um prolongamento da Iniciação Musical, e consiste num treino intensificado das mesmas técnicas básicas, isto é: exercícios de ritmo, som, grafia, leitura e localização; além de atividades coletivas como Coro e Conjunto Rítmico.

Neste curso, o aluno aprende a

escutar (bem, e cada vez melhor)

ler (cada vez melhor e mais depressa)

grafar (exatamente o que escutou ou imaginou)

executar (tocando, cantando, ou batendo algum instrumento, exatamente o que está escrito na pauta)

A Prática da música visa a defender a criança dos chamados cursos de "Teoria Musical Elementar" ou "Pré-Teóricos".

Desprezando por completo a rica experiência adquirida nos 3 anos de Iniciação Musical, os tais cursos mergulham a criança diretamente na Teoria Musical, sem a menor preocupação com a mentalidade desta e do pre-adolescente. E com a agravante de adotarem um programa copiado literalmente do antigo 1º ano de Teoria Musical, sem nenhuma inovação e inteiramente divorciado da Iniciação Musical, renovadora por princípio.

"Teoria Musical Elementar", elementar que seja, é Teoria mesmo, é Gramática musical, e coisa supinamente fastidiosa, para jovens de 9 a 10 anos de idade. Só adolescentes e adultos podem abordar essa Matéria e, ainda assim, quando expurgada de velharias sem aplicação prática.

Na Prática de música, ao contrário, os elementos teóricos in dispensáveis a aprendizagem musical, são treinados e facilmente assimilados, sem o gosto amargo de regras e definições. São conhecimentos realmente vividos pela criança, e não apenas memorizados.

Advertência: Teoria Musical

Depois de ter concluído a Iniciação Musical (3 anos) e a Prática de música (3 anos), o aluno não encontrará muita novidade na Teoria Musical. Com uma boa derrubada de coisas antiquadas, perfeitamente inúteis (uns 70 por cento do entulho que atravança os compêndios re-
duz-se então as coisas teóricas que sejam realmente interessantes e úteis ao aluno. Basta 1 ano de Teoria Musical Renovada, contanto que e le tenha sempre a mão um excelente Dicionário Musical, e possa fazer pesquisas, dentro desse novo conceito da aprendizagem ativa.

5. - A cultura geral do músico, problema intricado e só agora resolvido com a criação de um novo curso secundário, adaptado aos interesses e as tendências dos jovens artistas.

Revelando muito cedo o seu talento musical e desenvolvendo com facilidade sua espantosa aptidão específica, tocando por vezes as raias do gênio, contudo, no decorrer dos anos, o músico percebia sua humilhante falta de conhecimentos gerais, o completo abandono de sua educação humanística, e que a sociedade aceitava como coisa inevitável e definitiva.

Como exemplo, basta lembrar que "o príncipe arcebispo de Salzburgo ordenava que o jovem Mozart tomasse suas refeições junto com os cozinheiros", como nos conta M. Landry no seu livro "La sensibilité musicale".

Entretanto, o romantismo do século 19 deu aos músicos uma rara oportunidade de, socialmente, se elevarem a grandes altitudes, até então jamais imaginadas.

Foi o fulgurante virtuosismo de Chopin e de Liszt, foi a mirabolante orquestração de Wagner, de Ricardo Strauss, de Debussy e de Ravel, e ainda a grandiosidade pianística de Busoni, de Paderewski e de Rachmaninoff, foram estes fatores que, durante um século, deram aos músicos uma enorme importância social e que os de hoje não devem deixar perder novamente.

O músico do século 20, muito mais sóbrio, e menos romântico, exige em tudo ultra-perfeição da feitura, seja como executante, seja como criador. Encontram-se hoje, as dezenas, pianistas de 18, 19 e 20 anos de idade, que certamente ultrapassam a técnica espetacular do próprio Liszt. É que eles estudam agora com excelentes professores modernos, especializados em assuntos como Psicologia da Educação e Psicologia da Aprendizagem. Não são intuitivos, como os de 100 anos atrás. São eles, hoje, extremamente cultos, produzindo alunos igualmente cultos.

Entre nós, porém, a média de alunos, e também de professores, ainda apresenta, infelizmente, um nível muito baixo.

Antes da Reforma do ensino de 1931, o aluno podia ingressar no Instituto Nacional de Música e, ao fim de alguns anos, completar o seu curso, conhecendo apenas o instrumento escolhido e, quanto ao resto, inteiramente ignorante.

Com o intuito de elevar e prestigiar o estudo da música, a Reforma Francisco Campos incorporou o Instituto (agora Escola) Nacional de Música a Universidade do Rio de Janeiro (hoje Universidade do Brasil).

Ressalvou-se, entretanto, desde o início, que os alunos daquela Escola podiam concluir o curso secundário com a terminação apenas do 1º ciclo. Seria injusto exigir-lhes, simultaneamente, os estudos de música e todo o 2º ciclo de humanidades.

Em 1942, com a Reforma Gustavo Capanema, o ensino secundário teve nova estruturação dos 2 ciclos, mantendo a mesma seriação, porém distribuída de outro modo: 4 anos para o 1º ciclo, o chamado Ginasial, e 3 anos para o 2º ciclo, o Colegial, dividido por sua vez em 2 cursos distintos: o Científico e o Classico.

Em 1946, o novo Reitor, Professor Ignácio Azevedo do Amaral, forçou a paridade de todos os alunos do curso secundário, igualando pois os estudantes de música aos das outras escolas. Não quis levar em consideração que esse tratamento era excessivo, além de injusto. Um aluno que pretenda ingressar, digamos, no curso de medicina, termina o secundário apresentando apenas as matérias do 2º ciclo, e nada mais. O músico, no entanto, tem que enfrentar dificuldades muito maiores. Tem que estudar, ao mesmo tempo, as matérias do seu próprio curso e as matérias do 2º ciclo secundário, o classico ou o científico.

Dessa forma, nem o estudo de humanidades pode ser feito satisfatoriamente, nem tampouco o estudo de música. É esta a situação atual impossível de ser mantida por muito tempo. Foi este o resultado da Reforma Universitária de 1946; no tocante ao estudo da música, simplesmente desastrosa.

6. - O Colegial Artístico

A solução desse delicado problema, examinado aqui sob vários ângulos e sempre insatisfatórios, apresenta-se no entanto, extremamente fácil, se ponderarmos que a música, como veículo de educação, é tão importante quanto o estudo classico ou o científico. São eles perfeitamente equivalentes.

Dentro desta concepção humanística, o ciclo colegial, dividido atualmente em 2 ramos diferentes, terá que ser ampliado com a inclusão de um novo curso, o artístico, como se pode observar neste diagrama:

<u>Curso Colegial</u>	}	1º <u>Científico</u>
		2º <u>Clássico</u>
		3º <u>Artístico</u>

Desta ramificação do Ciclo Colegial em 3 cursos diferentes, mas de igual valor, ninguém, até, agora, tinha cogitado.

Um legislador inteligente e compreensivo poderá facilmente apresentar e defender, na Câmara dos Deputados, um ~~decreto~~ lei que faça justiça a essa legião de artistas, sejam eles estudantes de música, de Belas-Artes, ou ainda de Artes Cênicas ou Teatro, incorporando possivelmente essas 3 escolas em uma só e criando, ao mesmo tempo, o núcleo de uma futura Universidade das Artes.

Na atualidade, os jovens artistas, ou fazem um curso secundário brutalmente sobrecarregado e, por conseguinte, mal realizado; ou tem que abandonar a carreira, de uma vez.

Aliás, esperamos que também no 1º Ciclo, no Curso Ginásial, se faça em breve uma completa reestruturação, não só quanto ao Programa, monstruoso, inchado de tanta erudição inútil, como também quanto ao processo de ensinar, isto é, a didática, quase ainda inteiramente passiva; e a ser substituída por uma nova técnica de aprendizagem, inteiramente ativa. O aluno deve sentir o prazer de pensar e descobrir, por sua conta, a solução de qualquer problema acessível a sua idade; e recusar o humilhante processo de estudar chamado pelos próprios alunos de "decorebo".

Qualquer pessoa culta percebe imediatamente que, no 2º ciclo do ensino secundário, deve haver uma válvula de segurança para aqueles que, terminado o 1º ciclo, não querem mais, para o resto da vida, estudar física, química ou matemática; e menos ainda---mineralogia! Uma variante, uma ramificação do ciclo colegial, um curso que seja diferente, e mais aprazível, e nada inferior ao clássico ou ao científico.

Com a criação do 3º ciclo, o artístico, abrem-se novos horizontes para essa multidão de jovens, marcados por um irrefreável talento artístico.

8. Completação técnico-musical

O próprio título explica perfeitamente a finalidade deste curso. Desde a Iniciação Musical, atravessando a Prática de música, e de pois o Solfejo, Ditado e Percepção musical, a Teoria Musical Renovada e, por fim, a Completação técnico-musical, esses cursos seguidos visam, todos eles, a um melhor Desenvolvimento da Percepção Musical.

Esse termo traduz bem a expressão que certos psicopedagogos norteamericanos adotaram para frisar que a musicalidade "cresce" tal como uma planta, espontaneamente; e não se aprende em livros.

"A melhor maneira de colher frutos de uma árvore é prestar muita atenção ao crescimento daquela árvore", como diz o notável James Mursell, na sua obra: "Education for Musical Growth".

"Esse conceito de crescimento", diz ainda Mursell, "tem hoje um imenso valor na educação moderna, e muito especialmente no campo da música"

Pais e professores devem, pois, prestar muita atenção ao crescimento musical da criança e, como perfeitos jardineiro, dar aquela planta, as melhores condições ambientais. É só nisso que podem ajudá-la. Quanto ao resto, ela crescerá sozinha, espontaneamente.

É que o artista, seja ele músico, pintor, escultor, poeta ou literato, é sempre um intuitivo, e sua arte tem sempre como ponto de partida uma impressão sensorial. Da visão, da audição, ou desses dois sentidos conjugados, e desse núcleo, por vezes ainda informe, que desabrocha e crece a obra de arte.

Com 6 anos de idade, Mozart já escrevia pequenas composições; muito singelas, é claro, mas perfeitas, e escritas pelo próprio autor. Não precisou de auxílio de ninguém; descobriu sozinho a técnica de escrever música. Observo como seu pai, também músico, escrevia, em pouco tempo pôde imitá-lo. "Mas Mozart era um gênio", logo dirá alguém. Está certo. Cresceu em condições excepcionais. Mas o processo de aprender era o mesmo: observar atentamente, ver, e ouvir, cada vez melhor.

E tanto é assim que uma infinidade de músicos precoces aprendiam quase tudo por conta própria: Liszt, Chopin, Schubert, Mendelssohn, Saint-Saëns, Busoni, e muitos outros. O próprio Wagner, que só aos 16 anos de idade se lembrou de compor, ao fim de meio ano deixou pasmado o mestre Weinlig, ao perceber que nada mais tinha que lhe ensinar.

Aquêles que não são gênios, porém, têm necessidade do auxílio de um professor; não para ensinar coisas a decorar, mas apenas para orientá-los, na melhor maneira de descobrir a solução certa. A aprendizagem do músico dotado consiste sempre numa "descoberta"; compete ao mestre ajudá-lo na maneira de escutar, e escutar cada vez melhor.

Depois desta exposição, compreende-se claramente a finalidade deste curso, que é uma completação técnico-musical, abrangendo as seguintes matérias: Solfejo, Ditado e Percepção musical - Métrica e Rítmica - Leitura silenciosa e audição interior - Timbres (vocais e instrumentais).

9. - Aprendizagem ativa, em vez da habitual Didática, ainda excessivamente passiva e livresca

A revolta que se verifica contra o estudo, na mocidade de hoje, revolta por vezes deflagrada abertamente, outras vezes porém reprimida pela esperança de uma breve conclusão do curso, essa estranha atitude de oposição permanente, quer queiram ou não, é um fato indiscutível. Alguma coisa está errada, é evidente.

Ora, se investigarmos a origem desse malestar generalizado, a encontraremos certamente num ensino antiquado, inteiramente alheio ao modo de pensar das novas gerações.

"Magister dixit", essa concepção autoritária do ensino, herdada de Coimbra, já não corresponde à realidade dos acontecimentos e as novas idéias por eles sugeridas.

Iniciativas pedagógicas que vão agora aparecendo cautelosamente, aqui e acolá, resumem-se nessa palavra quase mágica, estimulante e de novas soluções, e que é: a pesquisa.

Entretanto, salvo as mencionadas inovações, o ensino continua obsoleto; basta verificar-se que, para o intrincado problema da aprendizagem, ainda se encontra a solução generalizada, imediata e simplória que é a da memorização.

Essa maneira de aprender "de memória", é a maior desgraça que

desabou sobre o ensino no nosso meio. Ganha as melhores notas, num exame, quem melhor aprende de cor; embora não tenha compreendido o essencial do assunto.

Este processo didático é um verdadeiro "facilitário". Pode ser útil, quando se trata da aquisição de mercadorias; porém, na procura de idéias e conhecimentos, o "facilitário" é um ato fictício e perigoso.

O aluno que dispõe de boa memória e acredita no sucesso fácil, fatalmente encontrará na vida tremendas decepções. Aqueles porém que não decoram com facilidade, acabam por fim socorrendo-se do ignóbil processo que é "a cola".

A aprendizagem "decorada", a "cola", e o "pistolão", são as piores pragas existentes no nosso país, tendo sempre como base e ponto de partida, a mentira.

É nessa brecha perigosa, que penetra e se alastra a corrupção,

O combate contra um ensino fácil e corrompido só pode ser encontrado no estudo extremamente honesto, ativo, trabalhoso e, por isso mesmo, alegre.

Como se vê, a solução só pode ser: o laboratório, o microscópio, em suma, a pesquisa.

E esta, não se faz apenas na Física, na Química, na Biologia, ou na Eletrônica. Em qualquer setor do saber, como, por exemplo, na própria Filosofia, um estudo inteligente terá sempre o aspecto de atividade esforçada na procura de uma solução.

Sob a denominação de "rediscovery", essa idéia, preconizada por educadores ingleses e norte-americanos, "parte da observação muito justa que o indivíduo afinal só conhece e domina verdadeiramente aquilo que ele descobriu por esforço próprio, senão inteiramente, ao menos em parte".

(Antonio Sá Pereira, Psicotécnica do Ensino Elementar da Música)

Depois do que Sócrates, há mais de dois mil anos, já tinha dito sobre este assunto, nada mais haveria a acrescentar. No entanto, é preciso voltar sempre de novo a essa mesma idéia, de vez que a preguiça humana facilmente leva o indivíduo a evitar qualquer esforço mental. Assim, o método socrático, "o maior invento da educação", como dizia Afrânio Peixoto, foi inteiramente abandonado, e só recentemente, com o advento da Escola Ativa, foi descoberto de novo.

Na luta que estamos aqui desencadeando contra a aprendizagem "frouxa", seria injusto não mencionar esta frase lapidar, na qual Bernard Shaw sarcasticamente como que resume todo o método socrático: "Se voce ensinar a alguém alguma coisa, ele não aprende".

10. O músico em nível universitário

Concluindo o Curso Geral de Música e, simultaneamente, o Colegial Artístico, o estudante de música ingressará num Curso Universitário de 3 ou 4 anos (Bacharel ou Licenciado em música) e, ao terminar, encontrará sua carreira musical em um destes 5 setores ramificados, em bora todos eles dedicados ao aperfeiçoamento:

- 1º Magistério
- 2º Virtuosidade
- 3º Composição

- 4º Musicologia
- 5º Musica Sacra

11. - Ensino instrumental em grupos

A idéia de se ministrar ensino instrumental, em pequenos grupos, não é novidade, entre nós. No antigo Instituto Nacional de Musica, o saudoso Professor Barrozo Netto tinha o hábito de ensinar piano a um pequeno numero de alunos de cada vez, e do mesmo nível de adiantamento, reunindo-se pelo espaço de algumas horas, enquanto ainda houvesse entre eles real interesse e atenção. Como se vê, era um ensino flexível e rendoso.

A presença dos colegas dava a todos a oportunidade de comparar e perceber nitidamente o progresso de cada um, além de ampliar e conhecer melhor o enorme repertorio pianístico.

O mestre, por sua vez, tinha ocasião de expor e aprofundar certas idéias que iam surgindo no decorrer da aula, como ressonância de assuntos abordados naquele momento, e que o ensino individual não pode proporcionar.

Este, aliás, é ainda criticável pela estafa mental que produz, quando o professor é obrigado a fazer, sempre de novo, as mesmas observações, de vez que alunos do mesmo nível de adiantamento quase que, infalivelmente, tropeçam nas mesmas dificuldades e cometem sempre erros semelhantes.

Não se compreende como e porque se tenha abandonado entre nós um processo inteligente e prático, como é o do ensino coletivo nas aulas de instrumentos, e que na Inglaterra, em França e nos Estados Unidos é habitual, nos melhores Conservatórios.

Como que corroborando essa mesma idéia, encontramos no último número do "International Music Educator" um excelente artigo sobre "L'Enseignement Instrumental Collectif", da professora Salome Berger, de Israel.

Em resumo, a autora destaca as vantagens que o ensino coletivo apresenta. A saber: é realizado sempre com alegria; favorece a musica de câmara; desenvolve a leitura a 1ª vista; faz progredir mais depressa; consegue frustrar o medo de aparecer em publico; desenvolve no aluno o senso crítico musical, bem como suas qualidades pedagógicas.

Além disso, verifica-se, pelo lado social, que o aluno cria um vivo interesse pelo estudo de cada um dos seus colegas.

Exatamente o contrário do que se observa no ensino individual, a saber: ensino egoista, insocial, e limitado, pela ausência de confronto.

12. - Seminário de alunos

(Debates - Pesquisas - Fichário intelectual, organizado pelo próprio aluno)

a) Debates

Excluídas as discussões de caráter político, religioso, racial ou ideológico, ainda assim, os Debates formam excelente meio de ativar o "crescimento intelectual" do aluno e, ao mesmo tempo desenvolver harmonia e amizade entre os colegas.

O Seminário terá que dispor de uma biblioteca particular, com

livros e revistas em quantidade, nacionais e estrangeiros, para que se possa desenvolver nos jovens o gosto pela leitura, de assuntos me nos futeis.

E como financiar uma biblioteca dessa natureza? Talvez surja um mecenas, capaz de responder a esta pergunta. Há uma infinidade de ricos no nosso país, que esbanjam tremenda dinheirama nas "boites", nas corridas e no jogo, sem pensar, um momento apenas, em ajudar a coletividade.

Se não fôr por outros motivos, que seja por vaidade ao menos, ligando o seu nome a uma FUNDAÇÃO em benefício de uma escola, uma biblioteca, um laboratório de pesquisas científicas.

Únicamente por falta de estimulação, muita vez, eles não se lembram disso, e aos seus amigos não ocorre essa idéia.

Para que não persista essa falta de incentivo, fazemos daqui um apêlo formal neste sentido. Temos certeza de que, antes de inaugurada a Nova Escola de Música, prevista no Plano-Piloto, estará garantida a Biblioteca, destinada ao Seminário de alunos.

Estes, naturalmente, devem dispor de uma grande sala, onde possam conversar amistosamente, ler, trocar idéias, manter debates, ouvir conferências e, em determinados horários, ensaiar peças de Teatro ou de Ópera.

Como anexo, haverá uma série de pequenas salas, à prova de som, umas destinadas a pesquisas, outras a atividades musicais (piano, violino, canto, etc.), e outras ainda transformadas em discotecas e salas para gravadores e outros aparelhos eletrônicos.

(Entre parênteses, convém lembrar que os Conservatórios norte-americanos, mesmo os mais modestos, dispõem sempre de uma série de saletas, munidas de um piano de cauda, perfeitamente afinado, onde, a uma taxa insignificante, e por hora, o aluno pode estudar a vontade, e fazer seus exercícios de piano, saxofone ou trombone, sem incomodar ninguém.)

b) Pesquisas

No Seminário, o aluno terá oportunidade de fazer pesquisas, isoladamente ou em pequeno grupo de colegas, inspirados no mesmo modo de pensar.

A pesquisa parte sempre da coleta de certos dados, honestos e justos, e dos quais o pesquisador pode tirar certas conclusões.

Baseado na pesquisa, o aluno, ao terminar o curso universitário, terá que apresentar um trabalho original, sob forma de Monografia, e no qual possa demonstrar um conhecimento real, prático e verdadeiro da matéria em aprêço, e não um saber fictício, apenas verbal.

Propositadamente, evitamos a palavra Tese, pelo desgaste que, entre nós, está sofrendo esse termo. Trata-se, muita vez, de uma obra complicada, alinhavada de afogadilho, e que facilmente denuncia falta de responsabilidade do autor. A expressão Monografia é mais modesta e, também, mais honesta.

c) Fichário

O fichário será organizado pelo próprio aluno, é um auxiliar das pesquisas, acima referidas. É uma coleção de fichas, carregada de informações interessantes e que, traçando uma rede de idéias associadas, formam um tesouro, precioso e unico, criado pelo próprio interessado.

Ora, o fichário tem um valor excepcional, e isto pela seguinte razão: dá ao aluno a rica e excitante possibilidade de pensar, de pensar por conta própria, e de conceber idéias novas.

Pensar e conceber idéias novas pressupõe, já se vê, boa memória. Mas disso nem todos podem vangloriar-se.

Torna-se então indispensável o fichário intelectual, capaz de contrabalançar a fraqueza mnemônica. É parecido a um dicionário, mas superior a este pelo lado afetivo, pois guarda idéias e informações ligadas à vida da própria pessoa.

Como exemplo de um fichário dessa natureza, vamos anotar assuntos que especialmente interessam a determinado aluno de piano. Por acaso, percorrendo o TIME (pag. 69-70, de 21-11-60), no setor Música, ele fica sabendo que Gerald Moore, pianista-acompanhador, um dos melhores da atualidade, era, tempos atrás, um grande concertista. Certa vez, subitamente convidado a acompanhar um notável cantor, por mera gentileza aceitou o convite. Fascinado com a infinidade de surpresas que o acompanhador tem que enfrentar constantemente, G. Moore deixou de ser solista; e hoje, na Inglaterra o "acompanhador" mais famoso, recebendo um "cachet" que muito pianista não consegue.

Ora, no seu Fichário, o aluno teria que preparar várias fichas, cada uma com um destes verbetes: "acompanhador", "especialização", "orientação profissional" e citar ou recortar o artigo inteiro, em uma pasta especial para recortes.

Em pouco tempo, seu fichário particular constituirá um precioso memorando, pronto, a qualquer momento, a fornecer-lhe dados necessários a redação de um sério trabalho, uma perfeita monografia, que não desonre a classe dos músicos.

13. - Cursos de atualização

(para integração dos novos professores no ambiente renovado)

Não é fácil equipar o corpo docente de uma escola inteiramente nova, e imprimir-lhe diretrizes de eficiência, de flexibilidade e também, de idealismo.

Máxime, quando as tradições de um ensino antiquado atuam ainda, como coisa viva e presente, na maioria dos professores de música, e embaraçam os melhores planos de renovação.

Poucos estarão em condições de atender aos requisitos acima referidos. Alguns, porém, terão que passar por um crivo de competência, que é o curso de atualização.

O simples fato de participar em um desses cursos já demonstra vivacidade mental e desejo de aperfeiçoamento, coisa que não ocorreria a outros tantos professores, já anquilosados.

Os cursos de atualização serão ministrados por professores nacionais, ou estrangeiros, caso necessário.

14. - Conclusão de Curso Universitário de Música

O 4º ano do curso é dedicado ao aperfeiçoamento, e dividido em vários setores especializados.

Assim, no 1º setor, que é o Magistério, o aluno terá que aprofundar-se não só com relação à Didática Geral (Conceitos básicos do ensino), senão também a Didática Especial da matéria "com prioridade".

A Didática será menos discursiva, e mais exploradora, isto é, estimulante das faculdades de observação, pesquisa e experimentação.

Delimitando o seu estudo, por algum tempo, mas aprofundando-o intensamente, o aluno perceberá que, aos poucos, vai-se tornando um especialista.

Num mundo agitado de competições, como o de hoje, afunda e desaparece inteiramente quem não for capaz de se defender com a arma da especialização.

No setor dedicado ao Magistério, são variadíssimas as oportunidades que se apresentam aos estudantes, no 4º ano do curso. Podemos mencionar possibilidades como estas: Especialização em Iniciação Musical, Especialização em Prática de música, Especialização no ensino dos "primeiros anos" (piano ou violino, os dois instrumentos mais procurados pelas crianças). Fase difícilíssima, essa dos "primeiros anos", e que a maioria dos pais, e dos próprios professores, considera coisa banal, extremamente fácil.

É de esperar-se que, com esses Cursos de Especialização que estamos delineando, futuramente não se encontre mais esse degradante estado de amadorismo que salvo raras exceções, ainda hoje desacredita o ensino inicial do piano, ou violino.

Outra matéria interessante será a Especialização em Teoria Musical Renovada, baseada em estudos de Psicologia da criança e do adolescente, e ilustrada com os modernos recursos audio-visuais.

Qualquer disciplina incluída no Programa dos vários Departamentos podera tornar-se matéria de especialização e, dessa forma, dar início a uma carreira interessante e rendosa.

Outro setor que o estudante pode escolher no último ano do curso universitário é o da Virtuosidade. Todo o seu tempo ficará reservado ao aprimoramento de sua execução artística, seja ele pianista, violinista, violoncelista, organista, harpista, cantor ou cantora, ou seja regente de orquestra ou de coros, ou mesmo (em caso excepcional) pianista-acompanhador.

No setor dedicado ao aperfeiçoamento da Composição, o estudante pode especializar-se na "Técnica de reduzir partituras para o piano", ou ainda na "Técnica de arranjar e orquestrar para compositores intuitivos", ou possibilidades outras, desta natureza.

No setor da Musicologia, o estudante pode formar-se em "Especialista em folclore", ou em "Crítica musical", ou ainda em "Teoria Musical Renovada". Este último item, pelo lado histórico, pertence à Musicologia, mas, pelo lado educacional, pode pertencer ao setor Magistério, como vimos atrás.

Também no setor Música Sacra, os respectivos assuntos especializados são atinentes a Musicologia, ao Magistério, ou mesmo a Virtuosidade (diante da regência perfeita de um Coro Sacro).

Aprofundando o estudo especializado, o nível técnico e cultural do músico podera, em pouco tempo, colocar-se numa altitude que, sem as inovações previstas neste Plano-Piloto, jamais poderia alcançar.

Exame final do Curso

Além das provas habituais, o estudante terá que apresentar algum trabalho publicado ou, conforme o respectivo setor, exibir-se em demonstração prática de sua especialidade.

Assim, nos setores Magistério, Musicologia e Música Sacra, o candidato apresentará uma Monografia original.

No setor Virtuosiidade, o candidato terá que provar seu virtuosismo, realizando uma ou duas exibições (concerto sinfônico ou recital), conforme a Comissão examinadora determinar.

No setor Composição, o candidato apresentará de público, e na presença de uma Comissão julgadora, obra original, executada por Orquestra Sinfônica, Banda ou Conjunto instrumental (ou instrumental e vocal), e regida pelo autor, ou por um regente convidado para esse fim especial.

18. - Departamento de Informação Ocupacional e Colocação do Músico Profissional.

Já em 1934, por ocasião da ^{COLAÇÃO} ~~colocação~~ de grau dos diplomandos daquele ano, no Instituto (agora Escola) Nacional de Música, professor Antonio Sá Pereira proferiu um discurso de paraninfo, conjecturando as "Perspectivas da carreira do musicista".

Certos assuntos como que prognosticados naquela oração, continuam hoje ainda tão vivos como naquela ocasião. Basta citar este trecho final do referido discurso que, como se vê, é de toda atualidade.

"Como já mencionei, reina completa desorganização na carreira profissional do músico. Urge cuidar-se da criação de um Departamento de orientação e de colocação, a cargo talvez do Instituto de Música. Mas tal serviço estaria na dependência dos dados que lhe fossem fornecidos pelos interessados, isto é pelos próprios professores. Como primeiro passo para este fim, eu vos proponho a seguinte medida: periodicamente, digamos de dez em dez anos, os diplomados de cada turma se congregariam em cordial reunião para troca de idéias e comunicação de experiências pessoais. Nessa ocasião, se ficará sabendo quantos dos diplomados daquela turma tenham abandonado a carreira, ou mudado de profissão, quantos tenham vencido ou não, e porque, e onde e em que especialização.

Vós, por exemplo, diplomados de 1934, vos reuniríeis no dia 19 de Dezembro de 1944, e novamente dez anos mais tarde, em 1954. E os dados que então apresentásseis, seriam estatisticamente elaborados pelo serviço de orientação e colocação, anexo então ao Instituto.

Dia virá em que o Estado compreenderá que ministrar ensino sem cuidar do escoamento das levas de diplomandos, seja de que carreira for, é criar um altamente perigoso proletariado intelectual, perigoso pela massa, pelo descontentamento e pela cultura superior de que dispõe.

Há, já agora, em França um serviço organizado neste sentido, embora ainda de proporções reduzidas. Refiro-me à Escola de Cerâmica de Sèvres, anexa a fábrica de reputação mundial. Segundo nos informa R. CHENEVIER que em recente crônica, publicada na "Illustration", estuda essa grave questão do atravancamento das carreiras liberais em França, só são admitidos, naquela escola, alunos em número correspondente à possível procura nos anos por vir. Assim, creio ser, hoje em dia, a indústria da cerâmica, em França, talvez a única no mundo em que não há "chômage", não há um só desempregado, pois que um muito bem organizado serviço de orientação e colocação mantém oferta e procura em constante equilíbrio.

Isto que, em pequena escala, já se conseguiu para os aprendizes da arte da cerâmica, se terá de, fatalmente, algum dia imitar em todas as outras profissões, se se quiser pôr um termo ao estado atual de anárquico atravancamento.

Vós, que hoje recebeis o ambicionado diploma, deveis pois conservar o contato com esta casa de ensino e, para bem vosso e das futuras turmas de professores, promover a criação de um serviço de orientação e colocação profissional dos musicistas, como este que acabei de esboçar. Se assim o fizerdes, tereis com isto prestado noável serviço social. E é este o melhor voto que vos posso fazer neste solene momento de despedida":

19. - Ortofonia

Estudo tão importante quanto o da própria ortografia é o da ortofonia. Não nos referimos à linguagem regional, e claro, verdadeiro tesouro folclórico, pelo chiste e pela riqueza imaginativa que o povo sabe criar.

Mas, quando pessoas cultas como senadores e deputados, secretários, diretores, professores catedráticos, e mesmo atores e atrizes, locutores de rádio e televisão (salvo exceções, é evidente), usam da palavra na fala rasgada do indivíduo inculto, ficamos desapontados, ou irritados mesmo, diante desse incrível desleixo no tratamento de nossa língua.

Quando alguém, num discurso, engrola as palavras de maneira relaxada, articulando mal as consoantes, sem nitidez e clareza, logo percebemos que ele absolutamente não se preocupa com assunto tão relevante como este.

É de esperar-se que em todas as escolas do país, do primário ao universitário, se torne obrigatório o treino da Ortofonia, sendo dispensados, naturalmente, os alunos que, submetidos a um teste, provem dominar boa pronúncia.

20. - Colégio de Aplicação

(incluindo: Maternal, Jardim de Infância, Escola Primária, Curso Fundamental de Música, Ginásio, Colegial Artístico, Curso Geral de Música).

Uma das ramificações em que se divide o 4º ano do Curso Universitário de Música e a do Magisterio.

É justamente no Colégio de Aplicação que, aprofundando-se na Didática Especial, o estudante tem oportunidade de desenvolver suas faculdades de observação, de pesquisa e experimentação. Ele pode especializar-se em algum setor do estudo que, particularmente, lhe interessa, e acompanhar o desenvolvimento da criança e do adolescente, desde o Maternal até o Colegial Artístico e o Curso Geral de Música.

Haverá também, no Colégio de Aplicação, um Serviço de Orientação Educacional onde, tal como na Faculdade Nacional de Filosofia, o trabalho será "baseado no entrosamento do serviço com o corpo docente e as famílias dos alunos e na atividade direta com os educandos, através de sessões regulares onde são discutidos os problemas gerais de vida, em linguagem acessível aos estudantes."

Em se tratando de uma Escola de Música, o estudante, naturalmente, terá de observar as aptidões inatas e as habilidades adquiridas, desde a infância; fará experiências e pesquisas sobre a melhor maneira de aprender determinada técnica instrumental ou vocal, e de evitar os vícios da respectiva técnica.

Em poucas palavras: Técnica de ensino, nas várias fases da aprendizagem.

21. - Canto escolar, em vez de
Canto Orfeônico.

Não é fácil criticar um processo de ensino que, vivamente elogiado por uns, é condenado por outros como coisa abominável.

Aqueles, em número limitado, são os professores; os outros, em número infinitamente maior, são os alunos, é claro.

Donde se conclui que há alguma coisa errada em torno do Canto Orfeônico.

Aquêles sonho pelo qual Villa-Lobos lutou heróicamente durante trinta anos, e procurou espalhar por toda parte seu enorme entusiasmo pelo canto, na esperança de que todas as nossas crianças cantassem em conjunto as bonitas canções brasileiras, criando em nossos pais laços de amizade, tão fortes quanto os da própria língua, aquele sonho esplendoroso, ainda durante a vida do próprio autor, já estava sendo deformado. (Ver Tópico nº 2: Educação pela música)

EDUCAÇÃO

Fizeram do canto uma disciplina a mais, com provas e exames, e notas que, no compute, podem contribuir para uma reprovação.-

Ora, cantar por obrigação é coisa detestável. Toda criança gosta de cantar, como também de brincar. São atividades espontâneas, manifestações de boa saúde e alegria. E aí daquela que não canta e não brinca! Trata-se quase sempre de uma criatura triste e complexada, competindo aos pais e à professora observar esse fenômeno pouco habitual, descobrir-lhe a causa e, com extremo cuidado, fazê-la recuperar o gosto pela música.

O grande mal que está desfigurando, cada vez mais, o ensino do Canto Orfeônico é a Teoria Musical - (Entre parênteses, convém salientar que o corpo docente do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico é constituído de bons professores, na maioria, sendo alguns mesmo excelentes. Não é a eles que estamos reservando esta censura).

São os professores de música das escolas primária e secundária, os responsáveis pela aversão que os alunos manifestam contra o estudo dessa matéria, especialmente a parte teórica.

"Na Escola Primária, a criança recebe noções de Teoria, ao lado do treino de canções e hinos patrióticos. Ela fica sabendo o nome dos valores e das notas musicais, a pauta e a clave de sol.

E daí? Para que servem tão mirradas e inúteis noções de música? Para que servem esses farrapos de Teoria Musical, que não atendem a finalidade de espécie alguma, nem de ordem prática, nem ideológica? Apenas para fins de exame, é evidente. Mas a quem estamos iludindo afinal? Se a criança, ao terminar a escola primária, não está em condições de ler música, não seria preferível abolir de vez essas migalhas de Teoria, em favor da própria música? Como já dissemos em outra ocasião, música é beleza, é coisa para ser ouvida e cantada, em primeiro lugar. E só mais tarde (na Escola Secundária), para ser lida, quando uma forte motivação levar o aluno a ler e executar o que está escrito, porque isso agora lhe causa prazer e não o tédio, como acontece sempre."

(Antônio Sá Pereira, de uma "Carta ao Professorado Primário", 1955)

Teoria, seja qual fôr a matéria, é coisa inadaptável à mentaldade novidadeira e dinâmica da criança, e do pré-adolescente. É só depois dos 12 anos de idade que o aluno compreende certas palavras abstratas, encontradas na Teoria Musical.

Portanto, na Escola Primária, a finalidade principal do canto escolar deveria ser esta: fazer a criança descobrir a beleza da melodia e do ritmo, e isso intuitivamente apenas, sem regras nem de finições.

Um slogan como êste: "cantar, sempre a cantar", seria um excelente programa para a escola primária.

Na Escola Secundária, o programa de música deveria ser ampliada sob a denominação de: Canto escolar e Apreciação musical. Quanto à parte teórica do curso, o professor deveria limitar-se a dar as noções de som e de ritmo estritamente necessárias para que o aluno pudesse ler e cantar, com facilidade, seu livro de canções. O desejo de cantar em conjunto seria agora motivação bastante forte para que o aluno aceitasse certas noções de teoria como coisa indispensável e mesmo interessante.

O livro de canções, que todos deveriam possuir bem encadernado, e graficamente bem apresentado, trazendo bonitas gravuras coloridas, também seria um estimulante a êsse estudo. É o mínimo que se deveria exigir, no tocante à apresentação gráfica dêsse livro, para que o aluno percebesse logo a importância e a dignidade que se deve dar ao canto escolar.

E deveria eliminar-se, definitivamente, a absurda exigência de submeter o aluno a provas e exames de música. Na situação atual, a nota obtida pesa naturalmente na nota global, favorecendo dessa forma aqueles que, além de possuírem talento musical, frequentam escolas de música, e prejudicando outros tantos, que não possuem talento musical, nem frequentam tais escolas. Injustiça clamorosa.

Muito mais razoável seria, assim nos parece, que, no 1º ano do Ginásio, a frequência fosse obrigatória, mas ficasse o aluno isento de prestar exames. A partir do 2º ano, a frequência seria facultativa. O professor teria que tornar o seu curso tao interessante e que, embora facultativo, atraísse classes lotadas.

Devendo permanecer na escola, o aluno certamente não iria, durante uma hora, vaguear pelos corredores, só com o intuito deliberado de não assistir à aula de música.

Não é possível que, enquanto na sala alguns de seus colegas estivessem cantando ou escutando música, êle, e talvez outros também, ficassem do lado de fora.

Na pior das hipóteses, ainda que o professor ficasse praticamente abandonado pelos alunos, o poder penetrante da música seria capaz de atraí-los novamente, se êle, talentoso e competente, tivesse a ideia de começar sua hora de música com o gênero que os jovens mais apreciam, aquilo que mais em moda estiver no momento, seja isso "rock'n'roll", samba ou cha-cha-cha.

Tomando como ponto de partida a boa música popular e a folclórica, êle levaria, aos poucos, seus alunos a compreensão da música erudita, percorrendo a longa estrada, indode Nazareth a Bach.

No caso de completo fracasso dessa experiência, a culpa seria tôda atribuída à falta de competência do mestre. Seria isso um verdadeiro teste a realizar-se.

O gosto pela música pode ser educado, e não pertence a determinado círculo fechado. Condição primeira, porém, é a do convívio permanente com a música.

Para compreender a música, seja qual for o autor, clássico ou popular, antigo ou moderno, o indispensável é ouvir, ouvir de novo, repetidas vezes, e ouvir ainda mais uma vez, antes de emitir qualquer julgamento, qualquer crítica definitiva. É este o verdadeiro caminho da Apreciação musical.

Finalidade
da Nova Escola de Música

Uma Escola de Música renovada como esta, deve exigir do aluno um mínimo de aptidão musical; selecionando os melhores, poderá formar profissionais de valor, em primeiro lugar. (V. Testes e provas, abaixo)

Contudo, aceitará também a categoria dos "não profissionais"; amadores cuja importância não deve ser subestimada. Eles ajudam a criar um vigoroso ambiente musical, sem o qual, pela falta de compreensão, calor, e mesmo entusiasmo, o profissional baixa de nível e cedo definha.

Como "ouvintes", poderão assistir às classes teóricas e culturais, com o consentimento do diretor e do professor da respectiva classe; mas não participarão das classes de execução, é óbvio.

Requisitos indispensáveis

Com referência ao

- a) aluno regular: um mínimo de talento musical
(V. abaixo Testes e provas)
- b) ouvinte: vontade de integrar-se no meio musical.
- c) professor: espírito renovador, compreensivo, capaz de participar de Cursos de Atualização para professores; menos teórico e mais prático, nas suas aulas; e, sobretudo, independente, livre de fraquezas sentimentais por ocasião dos exames e testes;
- d) administrador: flexível, compreensivo, mas justo; e integrado nessa idéia do valor congregador e purificador da música; e, por conseguinte, visceralmente anti-comercial.

Curso

Curso Fundamental (incluindo o Ginásial)

Curso Geral (incluindo o Colegial Artístico)

Curso Superior (Universitário)

Departamentos

- I - Instrumento
 - (Piano
 - (Cordas
 - (Sôpros
 - (Órgão
 - (Percussão
 - (Harpa
 - (Violão

- II - Canto
 - (Canto de Câmara
 - (Canto Lírico
 - (Canto Coral
 - (Canto Escolar (Canto Orfeônico)

- III - Composição
- IV - Regência
- V - Música Sacra
- VI - Musicologia

Níveis Culturais
e respectivos diplomas

- a) Curso Ginasial: Certificado ..
- b) Curso Colegial Artístico: Licença Artística
- c) Curso Universitário
 - { 3 anos: Bacharel em música
 - { 4 anos: Licenciado em música

Categorias

Executante (x)

Professor

Compositor

Regente

Virtuose

Musicólogo

(x) (Acompanhador; regente de Banda; pianista de conjuntos; cantor de coro, profano ou sacro; instrumentista de conjuntos, de Banda, ou Orquestra Sinfônica. Como "Executante", o aluno poderá terminar seus estudos, concluindo o Curso Geral de Música, junto com o Colegial Artístico).

Vias de ingresso

Iniciação Musical

Idade: 6 anos (em casos especiais de precocidade: 5 anos)

Ao ingressar: Testes iniciais

(sensibilidade rítmica e auditiva; habilidade motora)

No fim do 1º ano: provas (peneira fina).

Só o aluno talentoso será promovido. Para o repetente: fase probatória do 1º ano. Não sendo promovido, será eliminado.

Prática de música

Se ingressar diretamente neste curso, o aluno será submetido a Provas e Testes, relacionados com a Iniciação Musical.

Solfejo, Ditado e Percepção musical

Se ingressar diretamente neste curso, o aluno será submetido a Provas e Testes especiais, relacionados com a Prática de Música.

Admissão ao Curso Geral de Música

Se ingressar diretamente neste curso, o aluno será submetido a Provas e Testes especiais, relacionados com a matéria do último ano do Curso Fundamental.

ESQUEMA GLOBAL
DO PLANO PILÔTO, E AS
MATÉRIAS DOS VÁRIOS CURSOS

Plano - Pilôto
para uma
Nova Escola de Música

(Esquema Global)

Curso Fundamental
de Música

Departamentos : { Instrumento
{ Canto
{ Composição
{ Regência
{ Musicologia
{ Música Sacra

Idade		
6		
7		
8		
9	v. Matérias	
10	do Curso	
11		
12		
13		
14		

Matéria principal
(M. p.)
Instrumento

Ginásio

11		1
12		2
13		3
14		4

Curso Geral de
Música

Colegial Artístico

Idade								
15								
16		v. Matérias	do Curso					
17								

15	
16	v. Matérias
17	do Curso

Licença Artística

Curso Superior
de Música: Universitário

Idade								
18								
19		v. Matérias	do Curso					
20								
21	A P E R F E I Ç O A M E N T O							

- Bacharel em música
- Licenciado em música

Magistério	Virtuosidade	Composição	Musicologia	Música Sacra
------------	--------------	------------	-------------	--------------

Colégio de
Aplicação

Curso Fundamental

C U R S O F U N D A M E N T A L

= D E M Ú S I C A =

I n s t r u m e n t o

Idade

6	Iniciação Musical	Côro Infantil			
7	" "				
8	" "				
9	Prática de música		1		
10	" " "		2		
11	" " "		3		
12	Solfejo etc.	Teoria Musical	Canto Escolar	4	
13	"	Leitura a 1ª vista	"	5	
14	"	"	"	6	

		<u>Matéria principal</u> (M. p.)	
		<u>Instrumento</u>	
		<u>Ginásio</u>	
Idade			
11			1
12			2
13			3
14			4

Matéria principal: Piano; Órgão; Cordas; Sôpros;
(M. p.) Percussão; Harpa; Violão
(depois de concluída
a Iniciação Musical)

Matérias obrigatórias:

- Iniciação Musical - 3 anos (idade: 6 anos; 5 para crianças precoces)
- Prática de música - 3 anos
- Solfejo, Ditado e - 3 anos
Percepção Musical
- Teoria Musical - 1 ano
- Leitura à 1ª. vista-2 anos
- Côro infantil
- Canto escolar

Curso Geral

Curso Geral
de Música

Colegial Artístico

Idade = Instrumento = Idade

15	M.P.	Canto Coral	Completo	Harmonia	Análise	Prática de Org.	Folclore mus.	Sem.	15	Biologia	Hist. das Artes	Hist. das Liter.	Português
16	"	"	"	"	"	"	Ciências	"	16	Fisiologia	Estética	"	"
17	"	"	"	"	"	Conj. de Câm.	Hist. da Mus.	"	17	Psicologia	Folclore	Sociologia	"

(V. abaixo, por extenso, as respectivas denominações)

M.p. - Piano; Orgão; Cordas; Sôpros
(Materia principal) Percussão; Harpa; Violão.

Será obrigatório o estudo de uma língua estrangeira: francês, inglês, italiano ou alemão.

Matérias obrigatórias

- Canto Coral
- Completação técnico-musical
- Harmonia Prática e Improvisação Musical
- Análise e Prática das Formas Musicais, e do Contraponto
- Prática de Orquestra
- Conjunto de Câmara
- I) - Ciências físicas e biológicas, especialmente Acústica e Fisiologia do Movimento (contração muscular) na Técnica instrumental.
- II) - Folclore musical
 - História da Música e Apreciação musical
 - Seminário de alunos

Matérias obrigatórias

- Biologia
- História das Artes
- História das Literaturas
- Português (Redação e Ortofonia v. pag. 16)
- I) - Fisiologia
- Estética
- Psicologia Geral
- II) - Folclore (Conceito e Noções elementares da Ciência folclórica)
- Sociologia

Nota: I) O aluno ficará dispensado das aulas de Fisiologia (v. acima, 2º ano do Colegial Artístico), de vez que essa matéria será ministrada no Curso Geral de Música, de acordo com o Departamento que êle frequentar.

II) No Colegial Artístico, o aluno ficará dispensado das aulas de Folclore Geral, uma vez que essa matéria será ministrada no Curso Geral de Música, sob a denominação Folclore musical.

C u r s o S u p e r i o r

d e M ú s i c a : U n i v e r s i t á r i o

= I n s t r u m e n t o =

3	M. p.	Canto Coral	Hist. da Educ.	Folcl. Mus.	Psic. Educ.	Hist. da Música	Prática de Orquestr	Sem.	
4	"	"	"	Estética Musi - cal.	"	"	"	"	
5	"	"	Filo- sofia	"	"		Conj. de Câmara	"	Bacharel em Música
6	"	"	A p e r f e i ç o a m e n t o						Licenciad. em Música

abaixo, por extenso, respectivas denominações)

<u>Magistério</u> Didática Geral Didática Especial <u>Especialização</u> Colégio de Aplicação	<u>Virtuosidade</u> Instrumento Canto Regência
Monografia	Recital ou Concerto

Exame:

M. P.

- Piano; Orgão; Cordas; Sôpros;

(Matéria principal)

Percussão; Harpa; Violão

Matérias obrigatórias:

- Canto Coral
- História da Educação
- Filosofia (Introdução à)
- Folclore musical (v. pg 26, Nota II)
- Estética musical
(Fraseado, Expressão, Estilo e Formas)
- Psicologia Educacional
- História da música e
Apreciação Musical
- Prática de Orquestra
- Conjunto de Câmara
- Seminário de alunos
- Didática (Geral e Especial)

C u r s o G e r a ld e M ú s i c aC o l e g i a l A r t í s t i c o- C a n t o -

Idade

15	Canto (M.p)	Canto Coral	Com- plet.	Har- monia	Aná- lise	Técni- ca	Fol- clore	Piano	Sem.
16	"	"	"	"	"	"	Ciê- ncias	"	"
17	"	"	"	"	"	"	Hist. da Mu- sica	"	"

As matérias do curso (Colegial Artístico) são iguais para todos os outros Departamentos.
V. Instrumento: Curso Geral

(V. abaixo, por extenso, as respectivas denominações)

M. p. - C a n t o

(Matéria principal)

de Câmara

Lírico

Coral

Escolar (Canto Orfeônico)

Matérias obrigatórias

- Canto Coral
- Completação técnico - musical
- Harmonia Prática e Improvisação Musical
- Análise e Prática das Formas Musicais, e do Contraponto
- História da Música e Apreciação Musical
- Ciências físicas e biológicas, especialmente Acústica, e Higiene da voz
- Folclore musical (v. pg. 26, Nota II)
- Técnica vocal
- Piano
- Seminário de alunos

Curso SuperiorCurso Superiorde Música: Universitário= Canto =

Idade

18	Canto (M.p)	Canto Coral	Hist. da Educ.	Folc. Educ.	Psic. Educ.	Hist. da Mus.	Téc. do Canto	Conj. Vocais	Sem	Piano
19	"	"	"	Estética mus.	"	"	"	"	"	"
20	"	"	Filosofia	"	"	---	"	"	"	"
21	"	"	Aperfeiçoamento							"

Bacharel em Música
Licenciado em Música

(v. abaixo, por extenso, as respectivas denominações)

<u>Magistério</u> Didática Geral Didática Especial <u>Especialização</u>	<u>Virtuosidade</u> Canto de Câmara Canto Lírico
---	--

Colégio de Aplicações

Exame:

Monografia

Recital ou Concerto

M. p.
(Matéria principal)

Canto:

de Câmara
Lírico
Coral
Escolar (Canto Orfeônico)

Matérias obrigatórias:

- Canto Coral
- História da Educação
- Filosofia (Introdução à)
- Folclore musical (v. pg. 26, Nota II)
- Estética musical
(Fraseado, Expressão, Estilo e Formas)
- Psicologia Educacional
- História da música e apreciação musical
- Técnica do Canto

Técnica e Repertório do Canto de Câmara
Técnica e Interpretação lírico-dramática
Técnica e Repertório do Canto Coral
Técnica e Repertório do Canto Escolar (C. Orfeônico)
- Conjuntos vocais
- Seminário de alunos
- Piano
- Didática (Geral e Especial)

Idade

Idade	Compo- sição (M.p)	Com- plet.	Harm. contra- ponto	Leit. de part.	Pia- no	Instr. supl.	Instr. e Orq	Híst. da Mus.	Prát. de Orq.	Sem.
15										
16	"	"	"	"	"	"	"	Fisi- logia	"	"
17	"	"	"	"	"	"	"	Folc- lore	Conj. de Câm.	"

As matérias deste curso são iguais para todos os Depart^{os} V. Instrumento, Curso Geral.

(V. abaixo, por extenso, as respectivas denominações)

M. p.
(Matéria principal) — Composição

Matérias principais

- Completação
técnico - musical
- Harmonia Contra-
ponto e Fuga
- Leitura de partituras
e redução para o piano
- Piano
- Instrumentos suplementares,
(um de cordas e um de sôpro)
- Instrumentação e
Orquestração
- História da Música
- Ciências físicas e biológicas, incluindo Acústica e
Fisiologia do movimento
(contração muscular) na
técnica instrumental)
- Folclore musical (V. pg. 26, nota II)
- Prática de orquestra
- Conjunto de câmara
- Seminário de alunos

Curso Superior
de Música: Universitário

Curso Superior

- Composição -

18	(M.p) Comp.	Hist. da Educ.	Fol- clore mus.	Psic. Educ.	Pia- no	Téc. vocal	Prát. de Orq.	Sem.
19	"	"	Esté- tica mus.	"	"	Hist. da Música	"	"
20	"	Filo- sofia	"	"	"	"	Conj. de Câmara	"
21	"	Aperfeiçoamento						

Bacharel
em Música

Licenciad
em Música

(V.abaixo, por extenso as respectivas denominações)

Magistério Didática Geral Didát. Especial Especializa- ção	Composição
--	------------

Colégio de Aplicação

Exame: Monografia

Obra original

M. p. (Matéria principal) Composição

Matérias obrigatórias:

- História da Educação
- Filosofia (Introdução à)
- Folclore musical (v. pág. 26, nota II)
- Estética musical (v. pág. 27)
- Psicologia Educacional
- Piano
- Técnica vocal
- História da música
e Apreciação musical
- Prática de orquestra
- Conjunto de Câmara
- Seminário de alunos
- Didática (Geral e Especial)

Curso Geral
de Música (_____)

Curso Geral
Colegial Artístico

- Regência -

Idade

Idade	Complet.	Harm.	Leitura	Piano	Instrumentos	Instr. e Orq.	Hist. da Mus.	Prát. de Orq.	Sem.	M.p. Reg.
15										
16	"	"	"	"	"	"	Ciências	"	"	
17	"	"	"	"	"	"	Folclore	Conj. de Câm.	"	

As matérias deste curso são iguais para todos os Depart^{os} v. Instrumento, Curso Geral.

(v. abaixo, por extenso, as respectivas denominações)

M. p. _____ Regência / de Coro
(Matéria principal) \ de Banda

Matérias obrigatórias:

- Completação técnico-musical
- Harmonia, Contraponto e Fuga
- Leitura de partituras e redução para o piano.
- Piano
- Instrumentos suplementares (um de cordas e um de sôpro)
- Instrumentação e Orquestração
- História da música e Apreciação musical
- Ciências físicas e biológicas, incluindo Acústica, e Fisiologia do movimento (contração muscular) na Técnica instrumental
- Folclore musical (v. pg. 26, nota II)
- Prática de orquestra
- Conjunto de câmara
- Seminário de alunos

Curso Superiorde Música: Universitário- Regência -

Idade

18	M.p. Regência	Piano	Hist. da Educ	Folclore	Psic. Educ.	Prat. de Orq.	Téc. Vocal	Sem.		
19	"	"	"	Estética	"	"	Hist. da Mus.	"		
20	"	"	Filosofia	"	"	Conj. de Cam.	"	"	Bacharel em música	
21	"	"	Aperfeiçoamento						"	Licenciado em música

(V. abaixo, por extenso, as respectivas denominações)

Exame:	Magistério (Didática Geral Didát. Especial) (Especialização)	Virtuosidade (Regência)
	Colégio de Aplicação	Regência
	Monografia	Coral Sinfônica Lírico-sinfônica de Banda DE BANDA

M. p.
(Matéria principal) — Regência

Matérias obrigatórias:

- Piano
- História da Educação
- Filosofia (Introdução à)
- Folclore musical (v. pg. 26, nota II)
- Estética musical (v. pg. 27)
- Psicologia Educacional
- Prática de orquestra
- Conjunto de câmara
- Didática (Geral e Especial)

Curso Geral

de Música

Colegial Artístico

- Musicologia -

Idade

15	(M.p.) Musico- log.	Canto Co- ral	Com- plet.	Hamo- nia	Aná- lise	Leit. de Part.	Prát. de Or- quest.	Pia- no	Sem.
16	"	"	"	"	"	Inst. e Orq.	"	"	"
17	"	"	"	"	"	Ciên- cias	Conj. de Cam.	"	"

As matérias deste curso (Colegial Artístico) são iguais para todos os outros Departamentos V. Instrumento, Curso Geral

M.p.
(Matéria principal) — Musicologia
(conceito, métodos e processos da ciência musicológica)

Matérias obrigatórias

- Canto Coral
- Completação técnico musical
- Harmonia Prática e Improvisação Musical
- Análise e Prática das Formas Musicais, e do Contraponto
- Leitura de partituras e redução para o piano
- Instrumentação e Orquestração
- Ciências físicas e biológicas, incluindo Acústica, Higiene da voz, e Fisiologia do movimento (contração muscular) na técnica instrumental
- Prática de orquestra
- Conjunto de câmara
- Piano
- Seminário de alunos

C u r s o S u p e r i o r

d e M ú s i c a : U n i v e r s i t á r i o

M u s i c o l o g i a - (conceito, método e processos da ciência musicológica).

Idade

18	M. p. Musi- cologia	Pia- no	Hist. da Educ.	Fol- clore mus.	Psicol. Educ.	Técni- ca Vocal	Conj. voc.	Sem.
19	"	"	"	Esté- tica mus.	"	Hist. da Música	Criti- ca mus.	"
20	"	"	Filo- so- fia	"	"	"	Teoria da Mus.	"
21	"	"	A p e r f e i ç o a m e n t o					

Bacharel em música
Licenciado em música

(v. abaixo, por extenso, as respectivas denominações)

<u>M a g i s t é r i o</u> Didática Geral Didática Especial <u>Especialização</u> relacionada com:
<u>Colégio de Aplica- ção (facultativo)</u>
Exame: <u>Monografia ou Ensaio</u>

História da música Teoria da música Crítica da música Pesquisa folclórica (pesquisa e interpretação do material folclórico)
--

M. p. (Matéria principal) — Musicologia

Matérias obrigatórias:

- História da Educação
- Filosofia
- Folclore musical (v. pg. 26, nota II)
- Estética musical (v. pg. 27)
- Psicologia Educacional
- Técnica vocal
- História da música
- Conjuntos vocais
- Crítica musical
- Teoria da música
- Piano
- Seminário de alunos
- Didática (Geral e Especial)

MÚSICA SACRA

Curso Geral

de Música

Colegial Artístico

Idade

15
16
17

15
16
17

Curso Superior de Música: Universitário

18
19
20
21

As matérias do Curso Geral e do Curso Superior de Música Sacra serão incluídas posteriormente, depois de consultados especialistas no assunto. Talvez possa o curso de Música Sacra adaptar-se aos moldes dos outros Departamentos do Plano-Piloto.

Como sugestão, transcreveremos um trecho referente à Música Sacra, extraído de um artigo sobre "Situation Actuelle de L'Education Musicale En Belgique", de Irene Bogaert. Este trabalho faz parte de uma serie de Relatórios (pg.30) sobre o "Estado Atual da Educação Musical no Mundo" obra organizada e apresentada por Prof. Dr. Egon Kraus, Vice-Presidente e Secretário Geral da "International Society for Music Education", publicado com a assistência da UNESCO. Eis o trecho citado:

Escola Interdiocesana de Música Sacra de Malines

"Este estabelecimento de ensino superior, fundado em 1879 pelo ilustre organista e pedagogo Jacques Lemmens, é orientado exclusivamente para a música litúrgica. Tem como finalidade a formação de cantores de coro, organistas, compositores e regentes de coro para o culto católico.

Nessa escola, o estudo do canto-chão ocupa um lugar de honra. Os candidatos, a obtenção do Diploma devem estar em condições de harmonizar perfeitamente as melodias do canto-chão e ler à la vista corretamente qualquer peça do vasto repertório gregoriano. Órgão, piano, harmonia, canto-coral, contra-ponto, fuga e composição são as matérias principais ali aprofundadas. Além disso, são exigidos os cursos de latim, liturgia e pedagogia musical.

O diploma é considerado equivalente aos "Premiers Prix" dos Conservatórios Reais (da Bélgica), no que diz respeito ao solfejo, harmonia, contraponto, fuga e órgão".

S U P L E M E N T O

I - Observações referentes a:

Orgão

Para a classe de Orgão, é obrigatório o estudo do Piano; facultativo para as outras classes de "Instrumento" (Cordas, Sopros, Percussão, Harpa, Violão), embora aconselhável.

Outras Classes

É igualmente obrigatório o Piano para as classes de Canto, Composição, Regência, Musicologia, Música Sacra.

Acompanhamento
ao Piano

No curso Geral de Música é obrigatório, durante um ano, o estudo de "Acompanhamento ao piano" para as classes de Piano, Orgão, Canto, Composição, Regência, Musicologia, Música Sacra.

Executante Especializado

Os alunos que desejarem aperfeiçoar-se na matéria acima referida, poderão fazer esse estudo durante os 3 anos do Curso Geral de Música.

Terminado o Curso, receberão o Diploma de "Executante Especializado".

II - O número de matérias que integram o Curso Geral de Música não deve alargar o aluno, de vez que todas apresentam afinidade e, em parte, têm caráter de Prática.

O Colegial Artístico, por sua vez, também encerra disciplinas afins, agradáveis e facilmente assimiláveis.

A mais, convém não esquecer que todos os alunos de Nova Escola de Música deverão possuir talento musical (V. Requisitos Indispensáveis, (pg. 20) e Vias de Ingresso, (pg.22). Dessa forma, o estudo de qualquer matéria será fácil, rápido e alegre.

III - Haverá na Escola, desde cedo, a possibilidade de se formarem Coros, Orquestra Sinfônica e Banda, integrados pelos próprios alunos.

IV - Convém lembrar, mais uma vez, a enorme importância que devemos dar ao curso Colegial Artístico. Entre este e os dois cursos tradicionais, o Clássico e o Científico, há uma diferença fundamental.

Estes têm a mesma base, estritamente racional. Tanto assim que os alunos vacilam, por vezes, e hesitam longamente entre

a medicina e o direito, entre engenharia e odontologia, antes de firmarem sua futura carreira.

Ao passo que o Colegial Artístico é um curso radicalmente diverso; é baseado na intuição. Os grandes compositores, assim como os grandes pianistas ou violinistas, foram quase sempre intuitivos.

Mozart, com 6 anos de idade, escrevia e compunha pecinhas de música e aos 10 anos já era famoso como concertista. Beethoven, Chopin, Mendelssohn, St. Saëns, Liszt, e muitos outros, eram meninos-prodígio. Schubert deixava seu professor de Harmonia completamente atarantado quando este começava a explicar-lhe a nova lição e o jovem logo respondia: "ah, isso eu já sei!" Busoni, com a idade de 11 anos, já era pianista de renome e, aos 17, nomeado professor das classes de virtuosidade do Conservatório de música de Helsingfors (hoje Helsink).

Também entre nós podemos reparar nessa infinidade de jovens que tocam "de ouvido" piano, violão e outros instrumentos, sem terem aprendido sequer os rudimentos da Teoria Musical, demonstrando logo espantosa musicalidade. Naturalmente um ensino bem dirigido pode abrir-lhes novos horizontes, dando-lhes uma consciência mais aprofundada do seu valor musical. Mas, aquela base espontânea é realmente um tesouro que a maioria (alunos e professores) não sabe aproveitar e, por vezes, até despreza.

Ora, na música como nas artes plásticas, o ensino deve ser encarado, hoje em dia, como completação racional de uma aprendizagem que, de início, deve ser intuitiva.

Donde se conclui que obrigar o aluno, no Colegial Artístico, a estudar Física e Matemática, seria forçá-lo a abandonar de vez sua carreira e, a um tempo, ver desmantelar-se o auspicioso novo Curso de Arte.

Obs.: Os tópicos de n^{os} 7, 14, 15, 16, 17, não necessitam de comentários.